

CARTA DE PROFESSORAS: POSSIBILIDADE POTENTE DE PESQUISA NARRATIVA EM TEMPOS PANDÊMICOS

D Diante do desafio de produção acadêmica sobre práticas docentes em tempos pandêmicos e impulsionadas pelo pensamento spinoziano, investimos na escolha pela partilha da alegria de um bom encontro neste texto que integra a edição do jornal sobre o tema “Tecendo diálogos escolas-universidade: saberes e invenções docentes nos cotidianos”, organizada pelo Grupo de Pesquisa Diálogos Escolas-Universidade: processos de formação docente e a produção dos currículos nos cotidianos, do qual fazemos parte.

Para tanto, destacamos, por inspiração de Soligo (2018, p. 64), a carta como uma forma narrativa privilegiada na pesquisa, considerando que “a escolha por um registro narrativo epistolar para documentar gêneros acadêmicos é de grande relevância na luta contra a hegemonia dos escritos tão somente expositivos e em favor da democratização das formas de dizer por escrito”.

Buscando narrar acontecimentos de nossas *pesquisaspráticas* de maneira implicada, no lugar de fazê-lo de maneira canônica e impessoal, enfrentamos tempos pandêmicos (des)fiando momentos nossos como docentes em cartas de modo a ressoar sentidos outros no diálogo do pensamento narrativo que a troca de cartas propicia, criando possibilidades de transgressões enquanto potência narrativa de produção de conhecimentos, form(ação) e cri(ação) de si.

São Gonçalo, 28 de setembro de 2021.

Querida Sabrina,

Há quanto tempo não nos vemos pessoalmente, né?! Como estão sua mãe e Heitor? Apesar da loucura que estamos vivendo nos últimos tempos, espero sinceramente que estejam gozando de muita saúde. Atualmente, este é o maior presente que podemos desejar aos nossos amigos.

Sabe, resolvi escrever esta carta por e-mail porque me aconteceu uma coisa muito curiosa e senti vontade de compartilhar com você. Como sabe, trabalho atualmente visitando escolas na rede de Maricá. Nessa semana, estava numa escola de Educação Infantil aqui quando uma menininha de 4 anos veio até a secretaria e quis saber da diretora porque ela não poderia estar na escola. A mãe já havia explicado várias vezes, mas ela não havia se convencido. Então, decidida, entrou e perguntou: "Tia, quando eu vou poder estar com meus amigos? Eu quero 'tá' na minha escola todos os dias... eu 'tô' com saudades de vocês, tia!"

Naquele momento me enchi de emoção, Sabrina! Ela expressou tão bem seus desejos que me dei conta dos meus a partir dos dela. Fiquei imaginando que, como eu, ela também estava sentindo falta: da agitação dos horários de entrada e saída da escola; da alegria contagiante das crianças fazendo algazarras durante o recreio; do cheirinho da comida gostosa servida na merenda... Como ela, também sinto saudades. Saudades do cafezinho na sala de professores; das conversas com os parceiros de trabalho; dos bracinhos que nos abraçam transbordantes de carinho; dos bilhetinhos recheados de desenhos e declarações; das gargalhadas altas, dos sorrisos mais contidos, dos ditos curiosos das crianças, do contato físico mesmo, que em tanto caracteriza nossa profissão, né?

As atividades nas escolas estão retornando aos poucos aqui... Devagar estamos voltando a sentir os cheiros e os gostos desse aconchego gostoso! Mas é importante que a gente mantenha ainda o cuidado, afinal queremos todos bem, claro. Todo cuidado é pouco, porque o perigo ainda nos ronda.

É curioso como tais questões nos afetam... Essas experiências nas escolas nos atravessam de forma tão avassaladora que nos deixam marcas e fico pensando: como promover a vida sem a proximidade dos corpos nesse contexto de adoecimento, né?... Mas enfim, com o mesmo afeto que sinto nos braços das minhas crianças aqui, amiga, me despeço de você! Apesar da distância, sinto sua presença e isso significa muito nesses tempos...

Abraço grande.

Com carinho,

Tânia.

Campos dos Goytacazes, 02 de outubro de 2021.

Taninha, querida! Olha a nossa correria, né? Recebi por e-mail sua carta tão afetuosa, mas por querer responder com o tempo que a resposta merecia, tive que ir deixando para o final de semana =/

Então, mamãe teve duas perdas recentes na família materna e ainda está se recuperando, mas segue firme. Heitor está bem: crescendo forte e saudável, graças a Deus. Para dar vazão a tanta energia, estamos tentando ser criativas com a atividade física e os exercícios em casa... mas tem dia que o cansaço é grande e é difícil desvencilhar da culpa por não estar conseguindo dar mais atenção a ele no momento... Mas é como você disse: saudável como seu Pedro, seguimos...

Ah, obrigada por ter compartilhado comigo os efeitos que a saudosa menininha de 4 anos de Maricá te oportunizou sentir e perceber. Aconteceu o mesmo por aqui... Saudades dos corredores cheios, das trocas durante o intervalo, dos abraços dos ex-alunos que nos gritam de longe "Professooooora, quando é que a gente vai ter aula com você de novo?!" ... Saudades das "carinhas de pergunta" que só presencialmente temos condições de perceber também...

Muita saudade dos nossos cafés também, querida. Apesar de considerar que, com relação ao estudo, demos um bom jeito de seguir caminhando devido à organização do grupo e o senso de coletivo que se fortaleceu, nada se compara à alegria de um encontro presencial nosso, né? Isso me faz pensar que aprendemos com o corpo do outro também: com sua voz, com seus silêncios, suas formas de rir, de partilhar dúvidas, sugestões... Concordo com você que nossa docência é muito corporal mesmo...

Você questiona sobre possibilidades de promover vida nesses tempos de adoecimento, mas já me deu uma resposta quando afirma a vida a partir da saudade que a saudade da menina te fez perceber, né? Isso me fez lembrar de uma história incrível que a Conceição contou quando estudávamos pesquisas (auto)biográficas. Vou copiá-la aqui e pedir que partilhe esse registro cheio de potência com a gente, tá?

Sigamos, querida!

Abraço forte e saudoso,

Sabrina.

Juiz de Fora, 05 de outubro de 2021.

Olá, Tânia e Sabrina! Obrigada pela abertura nessa conversa. Apesar de não as conhecer pessoalmente, sinto que somos amigas, colegas e parceiras de jornada. Somos professoras dedicadas e em busca de "algo" a mais com nossos alunos, nas nossas escolas, na vida.

Eu estou bem, caminhando nesta loucura que nos encontramos. Nunca imaginei ter que ficar em isolamento social durante tanto tempo! Como sabem, moro em Juiz de Fora/MG. Trabalho na rede municipal há alguns anos e passei pela gestão, trabalhando na Secretaria de Educação até fevereiro deste ano. Vou confessar para vocês que não imaginava que estava sentindo tantas saudades da escola; das reuniões com os professores e principalmente com o contato com os alunos. Como é potente e lindo ver que posso fazer parte da caminhada e da história de vida deles... Aí vai a história que a Sabrina mencionou:

Me formei em Pedagogia em 1997 e logo depois passei no concurso da prefeitura para professora dos anos iniciais e coordenação pedagógica. Como professora recém-saída da faculdade, tinha idealização de muitas questões. Assumi a vaga e cheguei na escola: enorme e com muitos materiais disponíveis para o trabalho. Mas, como era a mais nova, não pude escolher uma turma. Escolheram para mim e hoje posso falar que foi uma das melhores coisas que me aconteceram enquanto educadora. Era uma turma em que a maioria dos alunos e alunas estava em distorção idade-série. Aqueles que "ninguém queria". Olhei para aquelas crianças e me vi ali. Pensei: o que farei agora? Sentia que a faculdade não havia me preparado para aquilo... Fui para casa, conversei com a minha mãe e, naquele momento, decidi que iria aceitar o desafio.

Durante as aulas, escutava frases como: "não somos nada, não somos capazes". Então comecei a trabalhar com eles a partir da perspectiva deles (e delas, claro). Assim, modifiquei toda a estrutura da sala e aos poucos fui construindo com eles um ambiente que possibilitasse não só "conteúdo escolar", mas aprendizagens múltiplas e muita troca de experiências e, assim, vencemos. Digo vencemos porque mostramos que todos nós somos capazes de aprender, de se relacionar e de se reinventar enquanto pessoas. Foi fácil? Não. Tive ajuda? Muita! Mas assim pude contribuir para que eles soubessem que poderiam ser o que quisessem ser.

Hoje me encontro onde estou junto com vocês porque tive essas experiências. Acompanhei turmas assim durante muitos anos de trabalho e com cada uma aprendi e fui desafiada.

Sigamos com coragem mesmo!

Beijo grande!

Conceição.

No desafio de *dizerpensar* a prática docente; de viver nossa docência, fazemos escolhas. Por escolha, aqui partilhamos nossas narrativas como professoras que somos, as quais expressam, em diálogo, modo não dominante de expressão acadêmica, alegrias e

questões por meio das quais também nos tornamos docentes cotidianamente.

Liberdade de escolha é ação potente. Na luta diária, processual, fazemos nossas escolhas e (re)afirmamos a autoria de nossa docência em *encontros* (GARCIA, 2015) que entrelaçam acontecimentos de vida em uma teia de afetos e *fazeressaberes* que vão (nos) tecendo mundos em educação.

Referências:

GARCIA, Alexandra. O encontro nos processos formativos: questões para pensar a pesquisa e a formação docente com as escolas. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015. Anais [...]. Florianópolis: UFSC, 2015.

SOLIGO, Rosaura. Uma forma narrativa privilegiada na pesquisa: a carta. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; NAKAYAMA, Bárbara Cristina Moreira Sicardi; TINTI, Douglas da Silva. (org.). Narrativas, formação e trabalho docente. Elizeu Clementino de Souza (direção); Jorge Luiz da Cunha, Ecleide Cunico Furlanetto, Maria da Conceição Passeggi (coordenação). Curitiba: CRV, 2018.

Sobre as autoras:

Maria da Conceição C. Brandt da Luz é pedagoga e mestra em Educação pela UFJF. Doutoranda em Educação na UERJ. Atua como coordenadora pedagógica e professora dos anos iniciais na E.M. Carolina de Assis, na rede de ensino municipal de Juiz de Fora/MG. E-mail: brandtluz57@gmail.com.

Sabrina Ferreira é pedagoga e mestra em Cognição e Linguagem pela UENF. Doutoranda em Educação na UERJ. Professora da área de Educação no IFFluminense, campus Campos Centro/RJ. E-mail: smendonca@iff.edu.br.

Tânia Gouvêa é pedagoga pela UFF e mestra em Educação pela UERJ. Atua como professora inspetora escolar pela SEEDUC/RJ e na Secretaria Municipal de Maricá/RJ. E-mail: gouveat23@gmail.com.